

## **A Participação da Mulher na Economia da Baixa Idade Média**

Karolina Dantas da SILVA<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup>. MSc. Dinamene Gomes Godinho Santos

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo, analisar o processo da participação feminina na economia da Baixa Idade Média, concomitante ao processo de ascensão do capitalismo. Torna-se relevante ao que desrespeita a posição social feminina questionável e sua participação intrínseca no período Medieval. Para tanto, retomou-se a caracterização da mesma na Alta Idade Média; a contribuição feminina no crescimento das cidades; sua importância nas Cruzadas; principais atividades econômicas às quais elas obtiveram destaque; sua contribuição econômica para a consolidação do capitalismo, e a crise do Feudalismo e a depreciação de seu trabalho utilizando fontes bibliográficas como Hilário Franco Junior, José Rivair Macedo, Regine Pernound e Jacques Le Goff. Pode-se dizer que a mulher atuava em muitos setores da sociedade, principalmente na economia, se destacando em muitos momentos trabalhando desde a agricultura até o setor industrial, como forma de sanar as necessidades da época e adquirir o seu espaço, o qual é bastante restrito na história, portanto através deste, a mulher pode se considerar importante para a História.

### **Palavras-Chave**

*Mulher; Baixa Idade Média; Trabalho; Burguesia; Capitalismo*

---

<sup>1</sup> Graduanda em História da Faculdades Integradas Regionais de Avaré – e-mail: [contatokaroldantas@outlook.com](mailto:contatokaroldantas@outlook.com)

## Introdução

Atualmente no Brasil e no mundo, a mulher está se evidenciando na sociedade, suas ocupações estão se tornando indispensáveis no âmbito político, econômico e social. Ao longo das décadas, durante seu percurso, a mesma vem conquistando seus direitos, e aproximando-se cada vez mais da equidade.

A luta foi árdua, somente em 1827 conquistou o direito à educação e, em 1932, o direito de voto. Já a inserção no mercado de trabalho está sendo lenta e gradual, com lutas ainda inevitáveis na atualidade. Sua perseverança, de certo modo, está relacionada à busca em alterar a mentalidade patriarcal, e envolver-se em todos os aspectos significativos para a sociedade, inclusive na economia.

Portanto, ao longo do tempo, sua independência está se consolidando mediante a movimentos e revoluções, buscando, como finalidade, a equiparação total entre os sexos. Segundo o IBGE em 2010, 38,7% das mulheres lideravam as casas, sem carecer do matrimônio ou até mesmo de um cônjuge. Pesquisa realizada pelo SEBRAE nos anos de 2002 a 2012, demonstra que ao longo desses anos, a quantidade de mulheres empreendedoras aumentou consideravelmente, chegando a cinco milhões de empresas. (SEBRAE, *online*, 2015)

Apesar das conquistas alcançadas na atualidade, historicamente, a mulher sempre teve um papel coadjuvante, subsistindo oculta nos grandes eventos históricos, tais como as guerras e grandes revoluções. Porém, embasando-se em teóricos da História, sabe-se que a história é produto do interesse de quem a escreve, e por isso, muitas vezes, não foi dada muita notoriedade às minorias, entre elas as mulheres, pois não era de interesse das elites e do sistema econômico vigente.

Em diversos períodos históricos isso fica bastante evidente, isto é, em muitos momentos, embora participando de forma ativa da sociedade, o papel da mulher ficou em segundo plano, como se esta não tivesse feito diferença para a evolução da sociedade. Um desses períodos foi a Idade Média.

A Idade Média, erroneamente conhecida como “idade das Trevas”, foi um período que durou mais de mil anos, e foi dividido em dois subperíodos: Alta Idade Média e Baixa Idade Média.

A Alta Idade Média (Séc. V–X) é caracterizada singularmente como sendo o período de consolidação do Sistema Feudal, que corresponde, na questão da propriedade da terra, a uma troca mútua entre o dono da terra (senhor feudal) e o camponês (servo). Além disso, esse período apresenta características bastante específicas como: a descentralização do poder político-

econômico, a miscigenação cultural, a instituição da sociedade estamental (Clero, nobreza e servos) e o crescimento do cristianismo devido ao fortalecimento da Igreja Católica.

Segundo FRANCO JR:

Naquela sociedade agrícola, naturalmente o feudo era quase sempre uma certa extensão de terra, englobando um ou mais senhorios. Era portanto, terra com camponeses, pois sendo vassalo de um homem livre pertencente à camada dos guerreiros, não se dedicavam a tarefas produtivas. Vivia, assim das prestações em serviço, em produtos e em dinheiro devidas pelos camponeses daquela terra recebida como feudo. (FRANCO JR, 1986, p.23- 24).

Já a Baixa Idade Média (Séc. XI- XV) corresponde ao período de desestruturalização do Sistema Feudal, marcada pelo fim das invasões bárbaras, pelo forte crescimento demográfico e a escassez de alimentos, que foram os propulsores para o êxodo rural naquele momento, enfraquecendo assim o domínio feudal. Mudanças culturais tornam-se relevantes para o processo de transição da Alta Idade Média para a Baixa Idade Média. Segundo BURKE: “As inovações culturais são muitas vezes obra de pequenos grupos, mais que de indivíduos.” (BURKE, 2004. p. 23).

Para se entender melhor a importância do papel feminino na História e obter uma visão mais ampla sobre o caminho percorrido pela mulher na luta pela equidade, torna-se necessário estudá-lo de forma mais detalhada e, para tanto, optou-se por pesquisar a presença feminina na Baixa Idade Média, período que, através de suas múltiplas transformações, serve de berço para o atual sistema capitalista.

A finalidade dessa pesquisa é realizar uma análise sobre a mulher e suas contribuições para a economia da Baixa Idade Média, visando compreender a participação da mesma, nas questões sociais, familiares e econômicas desse período.

Na expectativa de compreender como a mulher integrou-se aos processos econômicos da Baixa Idade Média a ponto de ser reconhecida socialmente, faz-se necessário analisar as características do universo feminino na transição da Alta para a Baixa Idade Média; identificar qual o papel da mulher no crescimento das cidades medievais; analisar a importância das mulheres nas Cruzadas para a expansão comercial europeia; identificar as principais atividades econômicas nas quais as mulheres obtiveram destaque, e analisar a importância da ação econômica da mulher para a consolidação do capitalismo na Europa. Para tanto foram utilizados autores como PERNOUD (1993), MACEDO (2002) e FRANCO JR(2001).

## O universo feminino na Alta Idade Média

A Alta Idade Média se caracteriza como um período extremamente heterogêneo. Características econômicas e sociais do antigo Império Romano mesclam-se com aquelas que serão típicas do mundo feudal em formação.

Neste período, a sociedade se dividia em, basicamente, dois extratos: os camponeses, que trabalhavam para sobreviver e o extrato senhorial, que era responsável pela administração do território

Ao analisar a economia medieval na Alta Idade Média, percebe-se que a mulher foi de singular contribuição para os eventos econômicos, pois, as mulheres exerciam diversas funções, tais como cuidar da agricultura, auxiliando o homem a cuidar das plantações, pescar e cuidar dos animais, além dos cuidados com seu companheiro e filhos, que eram de fato obrigatórios para a mulher medieval. A força de trabalho de uma camponesa era indispensável como mão de obra na economia rural, tanto na familiar quanto na servil, para os donos das terras as quais ela pertencia.

Além de exercerem todas as tarefas domésticas, em algumas ocasiões, as mulheres eram obrigadas a prestarem serviço nas casas senhoriais como pagamento por suas terras, trabalhando na tecelagem, fiação de linho, lavagem de roupas e etc. Segundo MACEDO:

Nas grandes propriedades da Alta Idade Média, uma parte considerável do trabalho artesanal estava reservado às mulheres. Ali se fabricava cosméticos, sabão, pentes e artigo de luxo a serem consumidos na corte. (MACEDO, 2002, p.33)

Quanto à questão das mulheres da nobreza, isto é, as mulheres dos senhores feudais, as chamadas senhoras, tinham um papel muito importante na família e principalmente nas questões econômicas, que exigiam muitas habilidades e organização.

Tais mulheres, não cuidavam somente da administração dos suprimentos, mas se preocupavam em supervisionar o trabalho doméstico e a fabricação de tecidos. Quando os homens necessitavam viajar, muitas tarefas masculinas passavam para a responsabilidade das mulheres, seja ela senhorial ou servil.

Além disso, a mulher era a responsável pela educação dos filhos, educação esta, monopolizada pela Igreja, mas que não necessariamente se baseava totalmente na teologia. A

educação restringia-se ao extrato senhorial, a nobreza encaminhava seus filhos para diversas áreas de atuação, como, por exemplo, a área militar para se tornarem cavaleiros para combates, com uma educação voltada para a formação técnica, ou, ainda, para as escolas monásticas, onde se tornariam parte do clero. Porém, a educação para o extrato servil era extremamente restrita as lições aprendidas nas Igrejas através dos sermões.

Com a excessiva clericalização da Idade Média, a família passou a ser o principal eixo social defendido pela Igreja Católica. Porém, o tipo de família que se conhece hoje é resultado de modificações realizadas neste período. O conceito de família, a princípio herdado dos germânicos, era legitimado pela consanguinidade, alianças aristocráticas e por aquisição: os domésticos tornavam-se parte do que denominava-se clã.

Contudo, no decorrer do feudalismo, restaram apenas resquícios deste modelo, pouco à pouco, a família se tornou restrita a parentescos consanguíneos e, por conta do fortalecimento do feudalismo, a família restringiu-se apenas à linhagem consanguínea ou seja, somente aos filhos. Segundo MACEDO:

A linhagem beneficiou os componentes do sexo masculino na sucessão e na partilha das heranças. O filho primogênito passou a herdar a maior parte das posses. Tornava-se o *caput mansi*, quer dizer o "cabeça da casa", o chefe da família. Os irmãos mais novos ficavam privados de quase todos os bens. Até o momento do casamento viveriam como domésticos do mais velho motivo pelo qual muitas partiam em busca da sua própria fortuna. As filhas foram totalmente excluídas da sucessão: quando contraíssem matrimônio, receberiam uma carta de *sponsalium*, um dote constituído de bens a serem administrados pelo marido. (MACEDO, 2002, p.11).

O filho primogênito, do sexo masculino, passou a ser o herdeiro legítimo de todas as posses dos pais, porém, se a família possuísse apenas filhos do sexo feminino, toda a herança era direcionada ao seu dote, o qual era administrado pelo marido após o casamento. Muitos rapazes solteiros se oportunizaram disso com o interesse de ascensão social, já que, deserdados pelos irmãos mais velhos, a ocasião era bastante atrativa, pois, adquirindo o dote de sua esposa tornar-se-iam senhores, com o objetivo de obter respeito e poder. Muitos deles após adquirirem as riquezas e conquistarem seus objetivos, se tornavam o chefe de toda família.

Para se formar uma família na Idade Média, era necessário o casamento, porém quem o organizava era a Igreja. Ao longo do Feudalismo, o casamento havia se fragmentado em três correntes conceituais. Segundo MACEDO:

Uma corrente, ascética e monástica, pregando a recusa do mundo, desprezava-o, condenando-o, como se representasse ao mesmo tempo mácula e um obstáculo à contemplação e à pureza d'alma. Outra corrente do clero secular, não apenas o aceitava, como defendia a idéia do matrimônio de religiosos. (A Reforma

Gregoriana, movimento de renovação moral da Igreja nos séculos XI e XII, visou, entre outros objetivos, a combater o grupo dos padres casados - identificados pelo nome de nicolaístas.) A terceira corrente defendia o casamento quando envolvesse religiosos. Essa corrente preponderante entre as demais, procurou disciplinar a união de leigos. Por intermédio do casamento esperava-se controlar a sexualidade dos fiéis e lutar contra a fornicção. Transformada em sacramento, sacralizada, a união conjugal torna-se veículo do controle do comportamento da sociedade por parte da Igreja. (MACEDO, 1990, p. 12)

O ato do casamento consolidou-se, a priori, com o propósito de estimular a circulação de riquezas, impedindo a concentração excessiva em poucas famílias, como exemplo MACEDO cita: “Agnes nasceu em 1151, na Inglaterra, e aos três anos de idade foi prometida em casamento pelo pai, Henrique de Essex. Aos seis anos a criança passou a viver nas dependências da família do prometido, com todas as honras devidas a uma esposa. O homem com quem viria a se casar, Aubrey de Vere, era conde de Oxford e tinha então quarenta e sete anos. Faltava contudo, a consumação do casamento [...]”. (1990, p 7)

Ao controlar o ato do casamento, a Igreja visava também combater a homossexualidade, pois baseada nas Sagradas Escrituras, esta era totalmente abominável, pois o sexo deveria ser somente para a procriação e não para o prazer. Santo Agostinho, em seu livro *Confissões III*, defende a ideia de que “[...] assim como o pecado dos Sodomitas, não de ser detestados e castigados sempre e em toda parte, pois mesmo que todos os cometessem, não seriam menos réus de crime diante da lei divina” (1973, p 49), usando base bíblica das cartas de Paulo, Agostinho justifica a posição da Igreja frente ao homossexualismo, ato considerado abominável na lei de Deus.

A cerimônia do casamento poderia ser realizada de duas maneiras, diferença essa justificada pela posição social dos noivos. Entre os nobres, a cerimônia era consolidada de forma privada, dentro de seu próprio castelo, diferenciando do casamento dos camponeses, que era concretizado dentro das instituições religiosas. FRANCO JUNIOR mostra com detalhes como era a cerimônia que, aliás, tornou-se obrigatória no século XVI no Concílio de Trento:

A cerimônia que selava o casamento dava-se no pórtico da igreja, com os noivos quase sempre vestidos de vermelho, coroados de flores, a moça com os cabelos soltos em sinal de virgindade ou com um véu ligeiro. Novamente se trocavam juramentos — prática presente em todos os aspectos da vida social medieval —, seguia-se a bênção do casal e a troca de anéis. Entrava-se depois na igreja para a bênção nupcial e a missa, a que os esposos assistiam cobertos por um mesmo véu. Iam depois até o altar da Virgem, ao qual ofereciam uma vela e onde, em algumas regiões, a noiva fiava por alguns instantes. Tudo era acompanhado por muitos padrinhos e madrinhas, testemunhos indispensáveis para uma época pouco ou acostumada ao registro escrito e oficial de atos importantes da vida social. (FRANCO JR, 2001, p. 176)

Como consequência do casamento, o marido adquiria um certo reconhecimento social, o que lhe consentia a prática do ato sexual, porém com a submissão total à Igreja, pois era a mesma que determinava os períodos de abstinência, com cerca de 180 dias sem praticá-lo, incluindo festas religiosas e a quaresma, sem contar a gravidez e menstruação.

A virgindade era de fato um símbolo de pureza e de extrema importância no papel social de uma moça e de uma família, por isso a Igreja enfatizava esse aspecto, com a obrigação de se preservar até o casamento, pois a quebra dessa regra poderia comprometer não somente a família da moça, como também a própria Igreja. Um casamento só poderia ser desfeito em caso de bigamia, traição feminina e esterilidade.

Era, também, a Igreja que determinava os valores, costumes e tarefas cotidianas do núcleo familiar, pode-se dizer que não havia autonomia por parte das famílias, pois eram subjugadas a padres, monges e demais membros da Igreja.

Contudo, o casamento e a família foram perdendo sua protagonização, por conta do declínio feudal que se inicia por volta do século XI. Nesse período as invasões bárbaras já haviam cessado e, portanto, não havia mais a necessidade de proteção por parte dos camponeses e nem motivos para guerrear por parte dos nobres; a explosão demográfica, por conta do aumento da natalidade, se faz sentir, ocasionando a escassez de alimentos, que, por sua vez, impulsiona o êxodo rural.

## **O papel da mulher no crescimento das cidades**

A transição da Alta Idade Média para a Baixa Idade Média, produziu várias transformações, não apenas rotineiras, mas também de mentalidade. Com o aprimoramento das técnicas de produção agrícola, inicia-se a prática comercial dos excedentes de produção, em um primeiro momento em entrepostos comerciais ao redor dos feudos, chamados feiras, que, posteriormente deram origem às cidades. Concomitantemente ao desenvolvimento desses centros urbanos originou-se um novo segmento social: a burguesia.

A mulher adentrou essa nova realidade e a ela se ambientou. Segundo MACEDO:

O espaço no qual transitaram as mulheres foi, ele próprio, muito variado e mutável. A vida rural contrastava com as das cidades. Estas se multiplicaram em razão de um processo de renovação das atividades econômicas ocorrido a partir do século XI, responsável pelo aparecimento de relações sociais determinadas cada vez mais por

uma economia mercantil e monetária, por novas formas de poder e cultura, diferentes das senhoriais e clericais. Nesse amplo quadro, presentes nas aldeias e nos castelos, nas praças públicas e nas ruas, nas oficinas artesanais, nas feiras e nos mercados pode-se dizer que as mulheres atuaram em todas as esferas da sociedade medieval. (MACEDO, 2002, p.17)

As mulheres encontraram seu espaço nesse novo contexto social, não exercendo mais o papel de domésticas e submissas, mas sim como parte importante para o crescimento econômico das cidades medievais. Segundo MACEDO: “O trabalho feminino teve incontestável papel na vida econômica urbana medieval. Quando solteiras, as moças pobres ajudavam os pais; casadas, ajudavam os maridos; viúvas trabalhavam por conta própria para sobreviver”. (MACEDO, 2002, p.21)

As corporações de ofício, que eram a base da aprendizagem artesanal, empregavam tanto mulheres como crianças, em funções indispensáveis, que asseguravam o desenvolvimento da indústria manufatureira, o que estabeleceu uma certa equivalência de requisitos para ambos os sexos. Segundo MACEDO: “Em 1226, a corporação dos peleiros da Basiléia estabeleceu que qualquer membro, homem ou mulher, poderia trabalhar, comprar e vender em igualdade de condições. O mesmo ocorreu nas corporações têxteis de várias cidades da Europa Central”. (2002, p.21)

Com isso a economia crescera consideravelmente, pois, o dinheiro proporcionava a expansão das cidades e as cidades impulsionavam o comércio. Outro fator influenciador para o desenvolvimento das cidades foram as Cruzadas que impulsionaram a expansão comercial e urbana. Segundo FRANCO JUNIOR:

[...] a reconquista cristã do Mediterrâneo, começada antes das Cruzadas mas impulsionada e completada por elas, reabriu aquele mar ao comércio. Isto naturalmente refletiu-se na vida urbana, que foi também reativada: as fortalezas construídas no período anterior chamado *burgus*, passaram a ser procuradas pelos mercadores como local de abrigo e proteção. Com a intensificação do comércio, o crescente número de mercadores não conseguia mais se instalar nas fortalezas, daí criarem junto as muralhas uma aglomeração, uma espécie de entreposto comercial, o *portus*. Por questão de segurança seus habitantes rodeavam-no por muralha, que assim obviamente, também cercava o antigo núcleo senhorial. Portanto, o subúrbio mercantil englobava o burgo dando origem a uma cidade. (FRANCO JR, 1989, p. 76)

## A importância das mulheres nas Cruzadas

As Cruzadas, foram grandes expedições militares, chamadas “peregrinações ou Guerra Santa”, cujo objetivo era a reconquista de Jerusalém da possessão muçulmana, que expandia-se com o objetivo da propagação da fé islâmica. Visando consolidar tal evento, o Papa Urbano II persuadiu muitos fiéis que ocupavam as cidades a peregrinarem à Terra Santa, em uma guerra de reconquista. Motivações como, principalmente, o perdão dos pecados e a aquisição de novos territórios, foram argumentos fortemente utilizados pela Igreja para o incentivo da participação da população urbana nesse movimento. Urbano II percebe nessa empreitada a oportunidade de, não somente, retomar terras cristãs, como também minimizar os problemas populacionais da própria Europa. Segundo FRANCO JR:

Após o discurso do papa Urbano II em Clermont, o entusiasmo despertado pela ideia de se partir para Jerusalém foi muito grande. Enquanto a nobreza feudal iniciava seus preparativos, necessariamente demorados, o movimento repercutiu nas camadas populares. A pregação fervorosa e entusiástica de um monge, Pedro, o eremita, reuniu bandos de franceses e alemães que, sem um plano preestabelecido e sem condições materiais adequadas partiram separadamente para o Oriente. A caminho, estes grupos de pequenos cavaleiros, camponeses, clérigos, aventureiros, maltrapilhos e desenraizados tinha, dificuldades em obter provisões, e chegavam muitas vezes ao limite da fome, passando então a roubar e saquear. (FRANCO JR, 1989, p.39)

Com o advento das Cruzadas, muitas mulheres permaneceram nas cidades enquanto os seus maridos iam para as peregrinações à Jerusalém. Muitos desses maridos eram burgueses, donos de manufaturas ou de empreendimentos comerciais, e, não retornando após a guerra, seu negócio era herdado pelas viúvas, as quais, não sendo mais subordinadas aos seus cônjuges, puderam administrar seu estabelecimento e contribuir com o aumento da economia das cidades. Muitas delas chegaram a ter bastante êxito, a ponto de participarem de transações internacionais. Segundo MACEDO:

Os registros fiscais da administração inglesa mencionam casos de mulheres envolvidas até em transações mais importantes e vultosas, ligadas sobretudo à exportação de lã. A maior parte dos casos diz respeito a viúvas de grandes mercadores, forçadas a continuar os negócios dos maridos para ganhar a vida. De acordo com os documentos administrativos denominados Hundred Rolls, no ano 1274 alguns dos mais expressivos negociantes do reino eram viúvas londrinas. Exportavam lã para Calais e demais cidades francesas em que havia produção têxtil. Certas viúvas de oficiais do rei de outros funcionários da monarquia dispunham inclusive de capital considerável, que aplicava em embarcações e no comércio com a Coroa. Negócios de tal porte exigiam sólidos conhecimentos e grande habilidade pessoal, algo que várias mulheres tinham. (MACEDO, 2002, p.22)

Houve mulheres que também participaram nos combates das Cruzadas auxiliando, muitas vezes, os homens na apropriação dos territórios inimigos.

Naquele dia, nossas mulheres prestaram-nos grande auxílio trazendo água para beber a nossos combatentes e também não cessando de encorajá-los à luta e a defesa. [...] Há também as que trabalharam nos fossos, carregando pedras para permitir a abordagem das muralhas. Ambrósio, que acompanhou a expedição de Ricardo Coração de Leão, conta-nos como uma delas “muito agitada”, foi notada por um “sarraceno”, que disparou contra ela uma flecha mortal. Seu marido acorreu, mas a única coisa que pôde fazer foi tirá-la do fosso onde expirara; e ‘uma mulher assim, diz a História, / Deve cada um ter na memória”, conclui o cronista. (PERNOUND, 1993, p. 38 e 40)

Sabe-se que as Cruzadas tiveram também o seu interesse comercial. O contato com o Oriente foi de suma importância para a expansão comercial europeia, pois, o atrativo para o comércio da cidade provinha do fornecimento de mercadorias orientais, como a seda, o marfim e etc. Segundo FRANCO JR:

Portanto, as Cruzadas não foram as responsáveis pelas grandes transformações econômicas, mas produtos delas. Contudo, elas não deixaram de contribuir significativamente para o avanço daquelas transformações. Exemplifiquemos novamente com Veneza e Gênova, pois estas cidades eram os principais centros econômicos da época e tiveram importância nas Cruzadas. O intenso comércio que ambas praticavam era anterior ao século XI, mas foi a abertura dos mercados orientais – para o que as Cruzadas desempenharam papel decisivo- que as tornou potência econômicas. (FRANCO JR, 1989, p.77)

Pelo panorama socioeconômico e político exposto anteriormente, fica explícito que Baixa Idade Média caracterizou-se como um cenário de mudanças sociais e, principalmente, econômicas, já que tal período propiciou condições para a consolidação das cidades e o crescimento da burguesia, mesclando-se com a ruralização que ainda concorria com o crescimento urbano. O desenvolvimento econômico, advindo das relações comerciais, gerou o aumento da circulação de moedas, desestruturando, aos poucos, o sistema de trocas característico do sistema econômico feudal. Segundo LE GOFF:

Esse crescimento do uso das moedas, se deve principalmente ao desenvolvimento urbano, vai além dos cenários das cidades. E o que se vê no setor têxtil e da manufatura de panos, que proporciona importantes movimentos de compras e vendas e de trocas até mesmo para fora da cristandade. Esse setor chega aos poucos a ser o único que atinge um estágio quase industrial e induz uma circulação crescente do dinheiro, nas mãos dos comerciantes de tecidos que prosperam particularmente em Flandres e Hainaut. (LE GOFF ,2014, p.17)

## Principais atividades econômicas nas quais a mulher obteve destaque na Baixa Idade Média

Desde a Alta Idade Média as mulheres eram designadas à múltiplas funções, como domésticas, agricultoras e também como artesãs. Entretanto, com o auge das cidades na Baixa Idade Média, embora muitas delas tenham se alocado no extrato mercantil nascente, muitas mulheres acabam por engrossar as fileiras das camadas sociais marginalizadas, submetendo-se à prostituição, sobrevivendo da prestação de serviços sexuais, além de fazerem companhia e oferecer lazer aos homens no intervalo das guerras. Tal ação tornou-se repudiável à Igreja, pois, segundo sua base teológica, o sexo deveria ter por finalidade a procriação e não o prazer. Independentemente da posição da Igreja com relação à prostituição, muitas cidades criaram áreas específicas para tal atividade, denominadas zonas e bordéis. Segundo MACEDO:

Nos centros urbanos, a riqueza da documentação permite delinear-mos com maior clareza os locais de atividades ligadas ao meretrício. Nos textos dos séculos XIV e XV, são empregados diferentes termos para designar as “casas das mulheres” ou zonas de meretrício: *strom*, *schrefriboss* e *glidenbos* na Alemanha; *Borde*, *bordiau* ou *bordelet* na França; *putaria* ou *mancebia* em Portugal.

Nas cidades francesas, o meretrício não era apenas tolerado: chegavam a existirem em locais alugados pelos chefes da comunidade ou pelos burgueses ricos - os prostíbulos públicos-, espaços protegidos pelas autoridades onde a fornicação era exercida livre e oficialmente. Paris, Dijon, Avignon, Lion ou Marselha, todas possuíam seus “casarões”. Em cada comunidade de alguma importância havia, além do bordel público, certo número de termas ou estabelecimentos para banhos, onde eventualmente as pessoas podiam desfrutar dos prazeres carnavais. Isso sem falar dos “bordéis particulares”, independentes do controle municipal e tolerados pela “boa sociedade”. Vários deles eram dirigidos por esposas ou viúvas de artesãos que exerciam ou exerceram seus ofícios. Estabelecimentos do gênero proliferavam na Alemanha. Em Viena, até o século XVI, existiram três casarões, um dos quais, a Vala Profunda, no ponto central da cidade. (MACEDO, 2002, p. 31)

Porém, a prostituição colaborou com as cidades, pois, com o meretrício, minimizou-se a violência infantil, principalmente na França, a homossexualidade masculina, estupros e agressão feminina, além de servir como extenuação para os clérigos das igrejas, por conta do celibato muitos padres passam a conviver com muitas meretrizes ao seu favor.

As artesãs eram de grande importância para a economia medieval, tanto na Alta Idade Média como na Baixa Idade Média. Na Alta Idade Média, seu espaço de produção era dentro da própria casa de seus senhores, produzindo tecidos para o comércio interno. Já na Baixa Idade Média, as moças eram aprendizes supervisionadas pela mulher do Mestre de Ofício. Neste ofício não havia diferença entre homem ou mulher, e ambos poderiam alcançar a mais alta

posição na hierarquia profissional, no entanto, para a mulher, pagava-se menos do que o salário dos homens.

O papel da mulher na sociedade cresce com o crescimento urbano. Agora, como comerciante, desvincula-se exclusivamente do âmbito doméstico, ganhando espaço nas atividades econômicas. Muitas delas no início, tiveram a oportunidade de envolver-se na atividade comercial, em função do grau de parentesco com mercadores. Segundo MACEDO:

Mulheres de outra categoria social, parentes de pequenos e grandes negociantes, foram levadas pelas circunstâncias a substituir ou auxiliar os homens. Atuaram em atividades comerciais desde as pequenas transações até empreitadas. Atuaram em atividades de grande envergadura. As esposas colaboravam com seus maridos, as filhas ajudavam seus pais, as viúvas davam continuidade aos negócios dos falecidos. (MACEDO, 2002, p.22).

As viúvas, ao administrar o comércio de seus falecidos maridos, conseguiam se sustentar, as casadas, ao trabalharem no comércio tiveram independência de seus maridos, algumas até passaram a administrar seu próprio comércio com a venda de mercadoria como, bolos, frutas, especiarias e etc. Pode-se dizer que a mulher destacou-se também nas transações extrajurídicas. Segundo MACEDO: “Comprometidas com o comércio, as mulheres se envolveram em operações financeiras de todo gênero, inclusive com a usura, isto é, com o empréstimo a juros. Os registros fiscais de Paris entre 1291 e 1313 assinalaram a presença de uma usurária.” (MACEDO, 2002, p.44).

### **A crise do feudalismo e a depreciação do trabalho feminino**

O desenvolvimento mercantil estagnou-se no século XIV em decorrência de uma crise geral. O enfraquecimento de algumas potências comerciais como a Itália, e a Turquia, provocou uma recessão econômica levando ao declínio do comércio do mar Mediterrâneo. Tais fatores contribuíram para o fortalecimento das monarquias, levando a Europa a regressar ao poder centralizado.

Com o surgimento do trabalho livre assalariado, que promovia o acúmulo de capital, e a consequente diminuição do trabalho servil, a burguesia se fortaleceu. Logo, formou-se uma aliança entre a burguesia e a monarquia. A classe burguesa necessitava do apoio de um monarca forte que lhe viabilizasse a expansão comercial e garantisse uma certa proteção alfandegária, já o monarca, por sua vez, vislumbrava o aumento da produção nacional com o consequente aumento dos impostos. Com esses interesses em jogo, a burguesia forneceu dinheiro para que a

coroa pudesse fortalecer seus exércitos e conter as revoltas camponesas. Assim, o rei, embora ajudando a nobreza a desvencilhar-se de guerras que muitas vezes duravam anos, impunha seu poder sobre os senhores feudais, uma vez que contratava soldados profissionais, formando um exército permanente, não necessitando mais de combatentes arregimentados pelos nobres e podia impor a eles o seu poder. Além disso, de forma indireta, a Igreja também foi fundamental para a centralização do poder, pois, a ideologia cristã pregava que o rei era o representante de Deus na terra. Para além disso, vários foram os aspectos que contribuíram para a centralização do poder na Europa, promovendo a unificação dos territórios, e emergindo, com o tempo, o Estado Absolutista. Segundo ANDERSON

O poder de classe dos senhores feudais estava assim diretamente em risco com o desaparecimento gradual da servidão. O resultado disto foi um *deslocamento* da coerção político-legal no sentido ascendente, em direção a uma cúpula centralizada e militarizada – o Estado absolutista. Diluída no nível da aldeia, ela tornou-se concentrada no nível “nacional”. O resultado foi um aparelho reforçado de poder real, cuja função política permanente era a repressão das massas camponesas e plebeias na base da hierarquia social. Entretanto, esta nova máquina política foi também, por sua própria natureza, dotada de uma força de coerção capaz de vergar ou disciplinar indivíduos ou grupos dentro da própria nobreza. (ANDERSON, 1989, p. 19- 20)

Outro fator que contribuiu para a decadência do Feudalismo foi a propagação da pandemia denominada “Peste Negra ou Peste Bubônica”. Esta, que provinha de pulgas que habitavam em ratos, contagiou pessoas por toda parte. Dentre os sintomas estavam manchas negras numerosas nos braços e pernas, vômito, febre alta, dentre outros. Esta doença foi interpretada pelos religiosos como forma de castigo divino, consequência dos pecados cometidos pela sociedade. A doença promoveu a fome nas cidades e logo revoltas camponesas surgiram, contra a fome e as más condições de vida. Em função da doença, um terço da população europeia havia sido dizimado.

Nesse cenário de transformações radicais, impostas não somente pelas novas expectativas econômicas, mas também pelo flagelo causado pela crise, a mulher expande sua participação econômica. Entretanto, tal crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho, vem acompanhado de sua depreciação.

Em várias regiões, como Inglaterra e França, as mulheres, ao tomarem o posto de seus maridos, pais e outros familiares, usufruindo de seus negócios e até enriquecendo-se, denigrem sua imagem perante à sociedade, que menosprezava a ascensão social feminina. Segundo MACEDO:” Na Inglaterra, as mercadoras de Nottingham foram acusadas na justiça por venderem alho, farinha, sal, velas, manteiga e queijo a preços exorbitantes. Assim como

as taberneiras e hoteleiras, as mercadoras nunca foram bem vistas pela sociedade inglesa.” (MACEDO, 2002, p.22)

Com o passar do tempo, conforme as relações capitalistas se desenvolviam, percebe-se que houve um declínio no espaço de trabalho da mulher.

Ao final da Idade Média, certas corporações chegaram mesmo a desaconselhar o emprego de mulheres, sobretudo as casadas. Ao que tudo indica, houve uma progressiva limitação da participação de mulheres casadas em atividades fora do lar. Embora se tenha conservado nos séculos posteriores ao XV, o trabalho das artesãs casadas, favorecido pela economia urbana medieval, foi-se tornando cada vez mais restrito, e, em 1688, num comentário à legislação artesanal, o jurista Adrian Beier podia escrever: De acordo com o regulamento, nenhuma pessoa do sexo feminino pode exercer um ofício, mesmo que o compreenda tão bem como alguém do sexo masculino. (MACEDO, 2002, p.43)

Esta depreciação do trabalho feminino não afastou a mulher do mercado de trabalho, pois, as péssimas condições de vida nas quais se encontrava a população mais humilde, fez com que, não só as mulheres, mas também crianças de tenra idade, tivessem que se submeter a trabalhos degradantes e perigosos. Entretanto, o trabalho feminino tornou-se cada vez mais desonroso aos olhos da sociedade, fazendo com que ocorresse uma grande desvalorização da mão de obra feminina.

A partir de então e no decorrer de toda a Idade Moderna, a mulher, que precisava de um emprego para ajudar a sustentar sua família, teve que se sujeitar a qualquer tipo de tarefa, muitas vezes trabalhando mais do que os homens, mas sempre com um salário bastante inferior e sofrendo com o desrespeito da sociedade.

Em função de se poder pagar um salário menor, e pela maior facilidade com que a maioria das mulheres se submetia às ordens dos patrões, o trabalho feminino passou a ser utilizado em larga escala, principalmente após o advento da Revolução Industrial. “[...] a força de trabalho adulto nas indústrias têxteis do Reino Unido atingia 191.671 pessoas, das quais 102.812 eram mulheres e apenas 88.859, eram homens”. (THOMPSON, 1987, p. 170) Mas, se por um lado a Idade Moderna marcou uma fase de grande exploração do trabalho feminino, ela também foi palco do início da resistência da mulher, isto é, foi nesse período, e em função de toda essa exploração, que começa a ganhar corpo a luta da mulher pela conquista de seu espaço, não só no mercado de trabalho, mas na sociedade como um todo.

## Conclusão

Contudo, ao término desta pesquisa compreende-se como falsa a hipótese inicialmente levantada, contrapõem-se ao resultado obtido pois retratava-se uma mulher submissa, o qual era responsável por administrar o lar apenas, porém ao longo deste a mulher apresenta-se batalhadora e com um papel muito ativo no que se refere ao processo, social, econômico e político, justificando através desta as diversas contribuições da mulher para a história.

Compreendeu-se também que, a mulher foi de suma importância na Alta Idade Média, não se prendendo apenas a questões domésticas, mas auxiliando na família, comércio, política e na economia.

Desmistificando, as teorias que apresentam a mulher como coadjuvante do homem no processo civilizatório e histórico, enaltecendo, a participação da mesma em diversos momentos históricos e apresentando novas possibilidades de pesquisa.

Porém, é lastimável, que devido ao fato de uma sociedade retrógrada existente, infelizmente, apresenta-se poucas pesquisas teóricas e práticas sobre a importância da mulher, na sociedade, na política, na família e na economia.

Entretanto, acredita-se firmemente que as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade e demonstrado o seu valor, quebrando dogmas que lhe foram imposto durante todo o processo histórico e apresentando novas perspectivas para a humanidade.

## Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Portugal: Lê Livros. s/d.
- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BURKE, Peter. **O que é história Cultural ?** 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- FEMINISTA, Sempre viva a Organização. **Estatísticas de Gênero**. Disponível em: (<http://www.sof.org.br/2015/06/12/publicacao-estatisticas-de-genero-do-ibge-mostrados-relevantes-sobre-a-autonomia-economica-das-mulheres/>). Acesso em: 13 de Novembro de 2017, às 14h30.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média Nascimento do Ocidente**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cruzadas**. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.
- PERNOUND, Régine. **A Mulher nos Tempos das Cruzadas**. Campinas: Papirus, 1993.
- THOMPSON E. P. **A formação da Classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (vol. II).